

**SÃO CHARLES DE FOUCAULD**

## Coleção **CIDADÃOS DO REINO**

---

- *Um coração inquieto*, Hylton Miranda Rocha
- *Mônica: uma mulher forte*, Hylton Miranda Rocha
- *José no mistério da encarnação: aspectos teológico-pastorais para a paternidade responsável*, Marcionei Miguel da Silva
- *São José: o lírio de Deus*, Jerônimo Gasques
- *São Jorge, o santo guerreiro: história e devoção de um santo muito amado*, Jerônimo Gasques
- *Mulheres à frente de seu tempo: histórias de santas*, VV.AA.
- *Francisco de Assis e Charles de Foucauld: enamorados do Deus humanado*, Beto Breis
- *Fenômenos extraordinários de místicos e santos*, Paola Giovetti
- *Santo Antônio contra o mundo: a história do grande santo para os nossos tempos*, Dionísio Pedro de Alcântara Lisbôa
- *Dom Bosco: presente de Deus para as juventudes*, Marcos Sandrini
- *Santa Luzia: o brilho de uma luz. A protetora dos olhos*, Jerônimo Gasques
- *Eu, Francisco*, Carlo Carretto
- *Palavra de Santo Antônio: prédica, simbologia animal e pecados capitais*, Glícia Campos
- *São Cristóvão: no volante da fé, o santo protetor dos motoristas e viajantes*, Jerônimo Gasques
- *São Charles de Foucauld: um homem que aprendeu a ser feliz*, Waldemir Santana

Pe. Waldemir Santana

# SÃO CHARLES DE FOUCAULD

Um homem que aprendeu a ser feliz



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

**Direção editorial**

Pe. Jakson Ferreira de Alencar

**Assistente editorial**

Cristiane Barbosa Cardoso

**Coordenação de revisão**

Tiago José Risi Leme

**Preparação do original**

Tatianne Francisquetti

**Coordenação de design**

Elisa Zuigeber

**Capa e diagramação**

Leonardo Cerretti

**Imagem da capa**

iStock

**Impressão e acabamento**

PAULUS

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Angélica Ilacqua CRB-8/7057**

Santana, Waldemir

São Charles de Foucauld : um homem que aprendeu a ser feliz / Waldemir Santana. -

São Paulo : Paulus, 2024.

(Coleção Cidadãos do Reino)

ISBN 978-85-349-5423-5

1. Foucauld, Charles Eugène de, Santo, 1858-1916 2. Santos católicos I. Título II. Santana, Waldemir III. Série

24-1997

CDD 922.22

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Foucauld, Charles Eugène de, Santo

1ª edição, 2024



Conheça o catálogo PAULUS  
acessando: [paulus.com.br/loja](http://paulus.com.br/loja),  
ou pelo QR Code.  
Televendas: (11) 3789-4000 /  
0800 016 40 11

© PAULUS - 2024

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091

São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

[paulus.com.br](http://paulus.com.br) • [editorial@paulus.com.br](mailto:editorial@paulus.com.br)

ISBN 978-85-349-5423-5

Aos irmãozinhos de Jesus Francisco Pacheco  
(Chico) e Guido Norel (*in memoriam*).  
Ao irmãozinho do Evangelho João Cara.  
Ao irmãozinho de Charles de Foucauld,  
leigo consagrado, Lindolfo Euqueres.  
A Solemar Mendes de Sena, da Fraternidade Leiga  
Charles de Foucauld (*in memoriam*).



## PREFÁCIO

### CONVITE PARA UMA NOVA ESPIRITUALIDADE DE NAZARÉ

*Marcelo Barros<sup>1</sup>*

**T**odo livro é uma proposta de diálogo entre o(a) autor(a) e o(a) leitor(a). É como quando, em uma roda de conversa, alguém puxa um assunto e sua argumentação nos cativa. Certos livros se apoderam de nós de tal forma que nos fazem esquecer o tempo, deixar de comer e até perder o sono. Há livros que nos arrastam a uma verdadeira viagem interior e afetiva.

Agora você começa a ler um livro cujo conteúdo é simples, e o estilo, leve. No entanto, trata de um assunto cada dia mais crucial e urgente. Ao lembrar-nos da vida e do testemunho do irmão Charles de Foucauld, que, recentemente, o papa Francisco proclamou santo a ser venerado por toda a Igreja católica, o padre Waldemir Santana revela-nos que sua proposta de espiritualidade pode ser, para nós, caminho para viver a fé cristã em um mundo que, desde os tempos de vida do irmão Carlos de Jesus, mudou profundamente.

---

<sup>1</sup> Marcelo Barros é monge beneditino, teólogo e escritor. Assessora comunidades eclesiais de base e movimentos sociais. Desde jovem, trabalha na relação entre o cristianismo e outras religiões, especialmente o candomblé de tradição Ketu. Há 20 anos, foi suspenso como Ogã de Iansã no Opô Afonjá em Salvador-BA. Tem 62 livros publicados no Brasil e em outros países. Recebeu o título de doutor *honoris causa* em Ciências da Religião pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

É nessa realidade que o padre Waldemir Santana vive, em João Pessoa, sua missão de presbítero, com a capacidade de expressar seu pensamento em livros e escritos já espalhados pelo Brasil. Os volumes de *Mensageiros da liberdade*, que contêm suas homilias sobre os Evangelhos dos domingos, e seu livro *Reflexões do cotidiano* têm feito bem a muita gente, porque ele propõe que a Igreja católica retome o caminho de uma fé profética que sinaliza o Reinado divino no mundo como projeto de paz e justiça ecossocial.

Em uma sociedade sem rumo, mergulhada no que Gianni Vattimo chamou de “pensamento débil”<sup>2</sup> e em relações que, conforme Zygmunt Bauman, se tornaram “líquidas”,<sup>3</sup> o padre Waldemir Santana nos orienta na direção oposta à dominação da cultura ocidental, hegemônica. Ele nos convida a mergulhar no testemunho de uma vida alternativa à sociedade dominante, assim como na beleza e no encanto das culturas do nosso povo e no tempero próprio do Nordeste brasileiro, predominantemente negro e indígena.

Nos Evangelhos, Jesus compara a missão com o trabalho do semeador que passa e joga a semente em vários tipos de terrenos (Mc 4,1-20). No entanto, quando envia os discípulos e discípulas em missão, não se trata de semear, e sim de colher. Antes de enviá-los, Jesus ora e depois diz aos discípulos: “A colheita é grande e os trabalhadores são poucos. Pedi, pois, ao Senhor da colheita que mande trabalhadores para a sua colheita” (Lc 10,2). Se a missão é colheita, significa que o Reinado divino já está presente no mundo, brotando e frutificando, independentemente da missão da Igreja. A esta compete apenas valorizar o que já existe no mundo e colher os frutos do que o Espírito de Deus semeia e cultiva nas diversas culturas e dos modos mais diversos. Jesus

---

<sup>2</sup> Cf. VATTIMO, G. *O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. Ver especialmente o capítulo 1: “Niilismo e pós-modernidade na filosofia”.

<sup>3</sup> Cf. BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. São Paulo: Jorge Zahar, 2000; *Id., Vida líquida*. São Paulo: Jorge Zahar, 2005.



viveu isso em sua vida oculta e mesmo depois que deixou a oficina de José. A partir do batismo no Jordão, vai substituir João Batista em sua profecia. Em todo esse itinerário, a espiritualidade de Nazaré está profundamente presente em toda a sua atividade missionária, até a cruz e a Páscoa.

Neste livro, intitulado *São Charles de Foucauld: um homem que aprendeu a ser feliz*, o padre Waldemir nos conduz por um itinerário pedagógico. É como se ele nos pegasse pela mão e nos conduzisse por um caminho muito bem expresso quando, na introdução, ele explica que se trata de “voltar a Nazaré”. A Nazaré do irmão Carlos, no entanto, não é apenas o lugar, a cidade na qual Jesus viveu sua infância e juventude e aonde o irmão Carlos foi aprofundar sua conversão e reencontrar sua vocação mais profunda; padre Waldemir explica: a Nazaré do irmão Carlos é um estilo de vida. E, para nos conduzir nesse caminho, ele organiza o livro em cinco capítulos, que são como estações de uma via-sacra original.

No primeiro capítulo, ele resume, da forma mais breve que pode, a vida do irmão Carlos. Conta sua conversão, salienta como, para o irmão Carlos, o outro (a outra pessoa) se torna referência para sua relação de intimidade consigo mesmo, com Deus e com o mundo. No segundo capítulo, dedicado especificamente à espiritualidade que o irmão Carlos viveu e propõe, temos belas páginas sobre o sentido mais profundo do deserto como o lugar da oração e da contemplação na vida do irmão Carlos e na nossa. O terceiro capítulo, sobre a santidade, aprofunda ainda mais as sementes já lançadas no primeiro e no segundo. O quarto capítulo é dedicado mais especificamente ao diálogo inter-religioso e à forma como o irmão Carlos o viveu com os tuaregues no norte da África. Finalmente, o quinto capítulo sintetiza tudo isso ao apresentar o irmão Carlos como o homem que aprendeu a ser feliz no caminho das bem-aventuranças vividas e proclamadas por Jesus Cristo.

Não podemos fazer esta reflexão que o padre Waldemir Santana nos propõe sem nos perguntar a que corresponde, hoje, aqui, para mim e para vocês que nos leem, essa espiritualidade

de Nazaré e essas dimensões do deserto, da prioridade do outro na nossa vida. Especificamente, temos de refletir como podemos viver no Brasil de hoje o encontro e o aprendizado místico que o irmão Carlos de Jesus viveu com os tuaregues.

No Brasil, nestes anos mais recentes, o modelo de espiritualidade que parece mais comum ou dominante na Igreja católica e em outras Igrejas tem sido a tentativa clerical de volta aos tempos da cristandade, em uma religião arrogante e autorreferencial. Pior ainda, tem crescido, em várias comunidades, um estilo que já foi denominado pelos próprios fiéis de “terrivelmente cristão”, e que se expressa em uma religião discriminadora, violenta e aliada aos piores interesses sociais e políticos.

Nesse contexto tão difícil, a vida e o exemplo do irmão Carlos de Jesus, trazidos por este belo livro do padre Waldemir Santana, nos convidam a desconstruir os muros do ódio e da violência e a edificar pontes para o diálogo – ou diálogos (intercultural, inter-religioso, intergeracional e assim por diante) – e para a reconciliação a partir da verdade, da justiça e do amor.

Neste livro, além das linhas e entrelinhas, sinto como se o padre Waldemir Santana tivesse sido guiado, como intérprete autorizado e responsável de uma palavra que lhe foi entregue, mas não lhe pertence.

Seja cristão ou não, além de todas as razões às quais aludi para ler este livro e gostar dele, você pode reencontrar nesta leitura o gosto de participar da caminhada social e política do povo empobrecido e das categorias mais excluídas da sociedade dominante. No Brasil, uma nova espiritualidade de Nazaré nos chama à inserção no mundo dos pobres, que, aqui, são mais profundamente os povos originários e as comunidades negras. Hoje, essa é a Nazaré em que as Igrejas cristãs são chamadas a se inserir, esse é o deserto que temos de atravessar. É preciso deixar-se conduzir pelo Espírito, que, como diz o Evangelho, “sopra onde quer, ouve-se a sua voz, mas não sabe para onde vai, nem para onde vem” (Jo 3,8).

A mim, cristão, ele sussurra um nome que me leva ao infinito: Jesus de Nazaré. Mas me leva também a outros nomes, que são sinônimos de amor e de paz nas mais diferentes religiões e culturas. Que riqueza! Nenhum mortal pode amordaçar a ventania. O mistério é nossa paz, e os caminhos religiosos, se conseguem sê-lo, podem apenas ser nossas parábolas de amor. Como, no século IV, escreveu Santo Agostinho: “Apontem-me alguém que ame e ele sente o que estou dizendo. Deem-me alguém que deseje, que caminhe neste deserto, alguém que tenha sede e suspire pela fonte da vida. Mostre-me essa pessoa e ela saberá o que quero dizer”.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> AGOSTINHO. *Tratado sobre o Evangelho de João*, 26,4. Cit. por *Connaissance des Pères de l'Église* 32, dez. 1988, capa.



## INTRODUÇÃO

*“Viva familiarmente com um grande santo e um grande espírito, seu coração se tornará quente como o Dele, sua fé viva como a Dele, seu espírito se elevará buscando o Dele.”*

Sentir o universo é algo simplesmente devastador. Poucos homens e mulheres conseguiram descobrir e equilibrar tal grandeza dentro de si mesmos. As maiores descobertas não ocorreram nos mares, nas montanhas ou nas planícies, mas estão lacradas em nossa alma; os livros podem abarrotar as salas e as estantes, podem enfileirar-se por quilômetros, mas não há aquele que nos ensine, de fato, a sentir o pulsar da criação. O que estamos aprendendo com o passar dos anos é somente uma forma mais adequada de juntarmos o que está dentro com o que vem de fora.

O encontro com Charles de Foucauld é extremamente transformador. É como se cada palavra sua alvejasse o núcleo das nossas questões existenciais. Por vezes, nos transformamos em heróis da nossa própria história, e noutras, cortamos com lâmina afiada do Evangelho os ramos mais salientes da nossa vaidade. É singular vê-lo vivendo a vida de Nazaré. O deserto é o lugar do seu reinado, não pelo poder que isso pode proporcionar-lhe, mas por ser um imenso vale onde se grita o Evangelho com a vida. Ele tem um ritmo uniforme ao longo do seu dia: oração, trabalho, adoração, meditação. Uma vida de disciplina rígida.

Acompanhar os caminhos percorridos por Charles de Foucauld não é tarefa árdua. Quem se ocupa de estudar sua vida e espiritualidade não precisará possuir uma excepcional competência para identificar sua grandeza de homem e de cristão. É mister, para quem pretende compreender seu caminho, um atencioso cuidado para encontrar um entendimento que vá além de apenas uma leitura de sua vida e personalidade, que, transcendendo seu tempo, ainda inquieta a mente dos homens e mulheres de hoje.

A multipolar e contraditória vida do padre de Foucauld se revela na evolução da sua história. Idealista e cético na juventude, procurou viver e desfrutar o que o momento lhe proporcionava. O jovem Foucauld, sagaz, elegante, aristocrata, culto, lançou-se numa aventura militar, depois empreendeu uma exploração no Marrocos, onde chegaria a um grande reconhecimento da sociedade geográfica francesa.

Hoje, a sede de espiritualidade cresceu vertiginosamente. O consumo da espiritualidade na perspectiva do mercado fez com que se ofertassem muitos produtos difusos e confusos. A espiritualidade do padre de Foucauld vai por outro caminho, o da simplicidade, da pobreza. Só quem está disposto a entrar num processo de desapego radical de si mesmo, dos outros e das coisas é que pode abraçar esse caminho de Nazaré. O caminho proposto por Charles de Foucauld para seguir Jesus é bastante desafiador para este tempo centrado na aparência.

O que Charles de Foucauld pode dizer à Igreja hoje? O caminho que irmão Carlos oferece neste mundo de esbanjamento e opulência é voltar a Nazaré, que, na perspectiva foucauldiana, não é uma cidade, mas um estilo de vida pobre, despojado, no meio do povo, como Jesus em Nazaré.

Charles de Foucauld foi um grande místico do século XX, pois descobriu a dimensão profunda de Deus na convivência com os tuaregues e nos momentos de adoração. Ele procurou viver na profundidade do eu, penetrou sua interioridade, a fim de

descobrir o núcleo da sua vida. Ele procurou viver o que disse São Paulo na carta aos Filipenses (2,6-7): “Jesus não se apegou a sua condição divina, mas se abaixou à condição humana”. O caminho da espiritualidade de Charles de Foucauld é o de abaiamento, de vida oculta. Nessa condição de servo, ele encontrou o caminho que o levou à felicidade.

O mundo está cada vez mais barulhento, e na religião, cada vez mais, os cultos se apresentam como um lugar do qual o silêncio está ausente. O caminho indicado por Charles de Foucauld é o do silêncio para aproximar-se de Deus. O anonimato, a dedicação aos outros, a Eucaristia são meios de entrega radical ao Senhor absoluto da história. Irmão Carlos viveu uma espiritualidade encarnada, próxima aos mais sofredores e sofredoras, aberta ao diálogo com o diferente.

Quando falamos em irmão Carlos, de imediato o associamos à oração do abandono, à imagem do deserto e a uma ideia muito vaga de uma conversão conturbada, precedida de uma juventude vivida numa liberdade que não conhecia limites. Sua beatificação, que aconteceu em 2005, realizada pelo papa Bento XVI, e agora sua canonização, quinze anos depois, realizada pelo papa Francisco, representam uma oportunidade para nos aprofundarmos no conhecimento de sua vida e de sua espiritualidade. Queremos, antecipadamente, afirmar que a canonização não é uma condecoração póstuma, pela qual se coloca nos altares um cristão que viveu de forma extraordinária um projeto de vida. Carlos de Jesus foi um humilde sinal do amor de Deus, no qual podemos ler alguma característica particular de Jesus Cristo e do Evangelho.

A realidade do deserto e seu silêncio era cortada, diuturnamente, pelos nômades tuaregues, sob os olhares de Foucauld. A transformação da vida desse homem possibilitou a tolerância religiosa, o diálogo com outras denominações e a solidariedade com os pobres. O anonimato era um ponto do qual irmão Carlos não abria mão.